

No. 17

35
37

Sala
Gab.
Est. 8.09
Tab. LIM
N.º

Sala

Gab. 609

Est. 808

Tab. 7

N.º



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral



1300006846

DISCURSO

S O B R E O U S O

DA CRITICA,

RECITADO

NO ULTIMO DE JULHO DE 1766 NO REAL COLLE-
GIO DAS ARTES DA UNIVERSIDADE DE CO-
IMBRA.

P O R

JOAÕ ANTONIO

BEZERRA DE LIMA.



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade,

Anno de M.DCCLXXVIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

X694078327

DESEMPENHO

SOBRE O USO

DA ORIENTAÇÃO

LIBERADA

TOUROS, 15 DE JULHO DE 1900
O PRESIDENTE DA UNIVERSIDADE DE CO-
RINTIA

POUR

COLEÇÃO

DE LIVROS



COMISSÃO

de Trabalho da Universidade

Ano de 1900

Comissão de Trabalho da Universidade



DISCURSO

SOBRE O USO

DA CRITICA.



Epoisque naquellas Oraçoens , em que me era permittida a escolha do assumpto , das que tenho tido a honra de dizer na presença do Illustre e Sabio Corpo Academico , fallei da necessidade da lingua Latina e da Rhetorica , e da utilidade da Poesia (sendo bem usada) em que se contém huma boa porção dos estudos , que devem tanto á munificencia do grande Rei , seu Restaurador : nada me pareceo mais acertado , do que tractar no breve discurso , que agora vou fazer , da sciencia de julgar as obras do entendimento , a qual sendo summamente difficil e delicada , ainda os menos instruidos e illustrados pretendem nella ter voto. Não tem dũvida , que ella
he

he das mais uteis e necessarias , quando se exercita , tendo primeiro adquirido os meios , com hum fim recto e bem intencionado , ou com aquella equidade , que a mesma natureza prescreve aos homens. Mas tambem he innegavel , que causa terriveis prejuizos , quando intentão fazer della uso ou os ignorantes atrevidos , ou os animos perversos e orgulhosos , inimigos da paz e da sociedade civil , a quem a inveja , ou qualquer outro affecto desordenado e criminoso estimula a que inquietem aos da sua mesma especie , e se esforcem com os arbitrios mais abominaveis para extinguir , ou ao menos offuscar e escurecer o resplendor da reputação , que chegáraõ a adquirir e segurar as fadigas , vigílias e suores , de que tem resultado singular proveito , e conhecida gloria ao genero humano. Porêm que coisa taõ innocente ha , que não possa tornar nociva ou a ignorancia do seu uso , ou hum animo depravado , hum coração corrompido? Nada ha mais util do que aquella arte , que costuma conservar aos homens a saude , que lograõ , e recuperar-lhes a que perdêraõ. Comtudo , se o que se vende por Medico , he ignorante ou malvado , nenhuma coisa he mais prejudicial que a Medicina. Seja-me licito dizer , que as maõs de hum
ho-

homem benefico são capazes de transformar o ferro em oiro, e pelo contrario as do maligno a mesma tereaga em veneno.

Na importante materia, sobre que intento fallar, se vê isto bem verificado. Quando he manejada por hum sabio, moderado e escripto-loso, faz honra ao entendimento, illustra a ração, adianta os conhecimentos, he util a todos os homens. Mas quando usurpa o seu exercicio o ignorante, temerario e perverso, corrompe o coração, enreda as idéas, difficulta a instrucção, arruina a virtude e a sciencia, que deveria promover. Esta he a ração, porque me deixei persuadir, de que não seria inutil, nem improprio discorrer presentemente sobre o uso da Critica, e com a brevidade, que as circumstancias fazem precisa, indicar aos discipulos, que me tem acompanhado fiel e diligentemente até o fim, que agora damos á terceira carreira dos Estudos Rhetoricos e Poeticos, as cautelas, de que devem servir-se na sua practica: para que, dirigindo o seu tenro juizo por estas advertencias, se algum dia poderão vir a ser Criticos, se hajaõ como bons Cidadãos, não exercitando a Critica imprudente e irracional, mas a discreta e comedida. Desta sorte entendo tambem,
que

que cumpro com as intençoens e ordens do Providentissimo Restaurador dos Estudos, que professo, o qual nas Instrucçoens para os Professores de Rhetorica estabelece, que = *A Critica*, e *a Filologia* deve ser hum estudo, que o Professor ha de trazer sempre diante dos olhos. Mas (que) na *Critica* se deve haver de sorte, que inspirando somente hum justo discernimento nos discipulos, lhes acautele todo o espirito de contradicção e maledicencia = Palavras, em que respira naõ menos a beneficencia do Real Coração, que a delicadeza do Augustissimo Entendimento.

E como em todas as materias deve ser o primeiro cuidado evitar os defeitos, e trabalhar depois por alcançar os dotes eminentes e admiraveis, apontarei agora alguns dos vicios da *Critica*, quando he mal exercitada, para que se possaõ conseguir as utilidades, que ella, sendo discretamente usada, he capaz de produzir. Quero porêm advertir antes (ainda que já se terá conhecido do mesmo, que tenho dito) que naõ fallo da *Critica*, considerada como aquella parte da *Filologia*, que se occupa em emendar e apurar os escritos viciados, mas sim como a sciencia, que examina profunda e exactamente as obras do entendimento humano, para distinguir,
e

e separar nellas o que he perfeito no seu genero, e tudo o que póde ser contrario ás direitas regras do gosto, da prudencia e do juizo, censurando qualquer artigo, e dando-lhe o nome, que merece, e que exprime verdadeiramente a sua natureza.

Principiando pois por hum vicio no uso da Critica, do qual nascem muitos outros, que coisa mais indigna, injusta e disparatada se póde considerar, do que atreverem-se a exercer esta difficultosa arte aquelles, a quem faltaõ os muitos e sublimes requisitos, que saõ de indispensavel necessidade para se practicar com acerto? As qualidades, que devem concorrer em hum Critico, digno deste nome, saõ tantas e taõ eminentes, que rarissimas vezes se encontra quem as possúa. Já o famoso POPE observou, que ainda he menor o numero dos bons Criticos que o dos bons Autores. Mas qual he o homem, que chega a ter huma leve tintura nas letras, que naõ se constitúa juiz ainda dos Escriitores mais egregios, que vem a fer os mesmos, de quem elle deveria ter por muita distinta honra o ser julgado? He certo, que para desempenhar as funçoens de Critico se requerem todos os grandes dotes da natureza e da arte: grandeza

deza de alma , talento vasto e extenso , concepção clara e facil , gosto são e apurado , prudencia consummada , memoria feliz e tenaz , imaginação viva , dicção clara e corrente e ao mesmo tempo concisa , grande candura , urbanidade e doçura natural : he necessario ter huma erudição completa em todas as sciencias e artes polidas , huma perfeita instrucção nas linguas doutas , e até ser iniciado na intelligencia das artes mechanicas. Por isso he , que o sabio ADDISON adverte , que nada ha mais absurdo , que pretender ser Critico , sem ter feito antes huma abundante provisão de conhecimentos em todas as materias.

Mas sobre tudo he indispensavel ao Critico huma completa e absoluta sciencia daquellas , em que quer sentencear. Pois assimcomo o juiz forense commetterá erros summamente prejudiciaes , sendo ignorante das leis , porque deve decidir os cazos ; e principalmente se não estiver perfeitamente senhor do ponto , que se controverte : do mesmo modo que monstruosidades não produzirá o Censor litterario , faltando-lhe o conhecimento intimo da faculdade , em que julga ? Quaes não seraõ os delirios de hum Rhetorico , que quizer ter voto em Medicina ,
sem

fem que já mais a conhecesse? E pelo contrario que loucuras não dirá sobre a Eloquencia aquella Medico, que não fez sobre esta igualmente delicada que preciosa arte os estudos vagarosos e meditados, que ella requer? Hum qualificará de methodo pernicioso e mortal em tractar huma enfermidade aquella mesmo, que for hum milagre do tino mais penetrante, regulado pela sciencia e pela observação. O outro chamará excellente sermaõ, discurso eloquente, ao que for unicamente hum tecido de imagens e frases Poeticas, indigno da sagrada Cadeira da verdade e da tremenda morada de Deos vivo, ou indiscreta e desordenada collecção de lugares estrangeiros, mal traduzidos e pessimamente applicados, ou finalmente hum aggregado de idéas apparentemente agradaveis, mas superficiaes, sem serem sustentadas pelas forças do raciocinio ajustado e efficaç, com principios falsos, sem concerto na ordem, nem seguimento na deducção, estereis de coizas, redundantes de palavras, e de palavras puerilmente affectadas. Comtudo he coisa constante, que não só nestas materias, mas em todas as mais, vemos frequentemente femelhantes extravagancias. Apparecem continuamente homens, que, pretendendo conseguir

accelerada e rapidamente o magnifico nome de sabios, e tendo indiscretamente pelo meio mais conducente áquelle fim levantar a voz, tomar o tom de Mestre impertinente, e proferir decisões de juiz presumido, sentencêaõ o que não entendem, e se abalançaõ a censurar as obras daquelles mesmos, que estavaõ completamente senhores dos assumptos, em que escreviaõ.

Estes genios, igualmente vaõs que imprudentes, estaõ ridiculamente persuadidos, de que lhes he indecorosa aquella candida, e ao mesmo tempo sublime, confissãõ de verdadeiro Filosofo, e sobre tudo de Filosofo Christaõ: *Eu não sei*. Saõ semelhantes aos pobres de fazenda, que affectando a riqueza, que lhes falta, se envergonhaõ de dizer: *Eu não tenho*. Ou áquelles, que, começando apenas a deixar os seus humildes troncos, como plantas recentemente enxertadas, querendo ostentar huma intempestiva nobreza e fidalguia, vigiaõ e observaõ os lugares, até na propria habitaçaõ do Deos, que se fez homem, guardando-se de tomar assento, ou de contaminar os seus illustres lados com as pessoas, que a sua vaidade e amor proprio lhes representa inferiores, e que muitas vezes os excedem em todas as qualidades. Sendo pois certo, que
naõ

naõ obra affim o verdadeiro Fidalgo , porque naõ receia , que se escureça o nativo e hereditario resplendor de sua bem estabelecida nobreza , tocando , tractando e communicando as pessoas de humilde , mas honrada condiçaõ ; e que o homem solidamente rico naõ tem pejo de confessar muitas vezes , que se vê em bem apertadas necessidades : igualmente o he , que todo aquelle , que julga perder a reputaçãõ de douto , se mostrar , que ha alguma coisa , que lhe seja desconhecida ; e que por este motivo se arroja a sentenciar sobre o mesmo , em que naõ está instruido , he hum pobretaõ de litteratura , cujo principal cabedal se funda na nescia credulidade dos homens simples e idiotas , e naõ no seguro conceito dos entendidos e sabios : os quaes conhecem perfeitamente , que naõ he menoscabõ , ou desdoiro da erudiçaõ , antes demonstraçaõ de hum entendimento grande e elevado , e de hum coraçãõ generoso e verdadeiramente Christaõ , *quod non didici , sane nescire fateri.*

Se esta ingenuidade litteraria regulasse sempre os discursos dos homens , que presumem de eruditos , e dirigisse em todas as occasioens as pennas dos Escritores ; naõ se veria a républica das letras continuamente atroada de clamorosos

fos debates , que , tendo origem na Critica ignorante e atrevida , chegaõ muitas vezes com os estimulos da semrazaõ a perturbar os animos mais constantes , e a perverter as mais timoratas consciencias. Naõ he necessario referir individualmente as muitas e prejudiciaes controversias , que tem havido desta natureza , porque he coisa bem notoria , que o catalogo dellas he extremamente longo. Oxalá que elle naõ fora ao mesmo passo taõ injurioso á humanidade ! Que as causas dos grandes Escriitores só fossem sentenciadas pelos grandes Criticos ! Que em hum seculo , em que tanto reina a vangloria Filosofica , chegasse a sã Filosofia , quero dizer , a Moral Evangelica , a extinguir o arrogante e insolente ardor , que nos consome , de nos inculcarmos sabios com prejuizo da reputaçãõ alheia ! Que cada hum naõ sahisse fóra dos limites da sua instrucçaõ ! Que em lugar de perdermos o tempo , censurando o que ignoramos , nos applicassemos a augmentar o fundo dos conhecimentos proprios ! Ultimamente que naõ presumissemos ter chegado aos fins , sem que primeiro soffressemos e consummassemos o trabalho dos meios !

Se assim fosse , se naõ se arrogassem o officio de Criticos os que saõ destituídos das partes

tes e qualidades , que nelle se requerem , não experimentariamos tambem outros dois absurdos, que são tão ordinarios , como injustos , na Critica mal usada : e vem a ser : demorar-se em censurar rigorosamente os minimos descuidos , e não louvar com o mesmo empenho as grandes excellencias. Não os experimentariamos : porque os talentos eximios são generosos e bizarros , e a rectidão e equidade são companheiras da verdadeira sabedoria. E pelo contrario os engenhos curtos e mediocres são travêssos e refolhados , e a ignorancia presumida he iniqua e inimiga do resplendor alheio. Comeffeito ha falsos e mal intencionados Criticos , a quem para a condemnação se representaõ montes os argueiros, e querem obrigar os olhos de vista firme e clara , mas serena e pacifica , a que vejaõ taes objectos pelos microscopios da sua iniquidade. Nada he mais contrario á razão. Não podem as obras dos homens ser totalmente isentas de defeitos : de outra sorte deixariaõ de ser obras dos homens. Pretender pois , que hum Escritor não caia , nem ainda nas mais leves imperfeições , seria de certo modo querer , que estivesse nas maons de cada hum mudar a sua mesma natureza. Não pensava desta maneira aquelle incomparavel

paravel Critico, que, guiado unicamente pela
 rafaõ, sem conhecer os Evangelicos e sacrosan-
 tos preceitos da caridade, reconhecia, que *opere
 in longo fas est obrepere somnum*. Porêm ha huns
 presumidos e impertinentes Criticos, que, fal-
 tando-lhes todas as egregias qualidades de HO-
 RACIO, parece, que intentaõ fazer figura de mais
 exactos e apontados. Indignaõ-se, gritaõ e in-
 juriaõ, se encontraõ a hum pobre Escritor al-
 guma vez dormitando, opprimido do pezo da
 materia gravissima, de que tracta, e cansado
 com a extensaõ e aspereza do caminho, que le-
 va em huma composiçaõ, em que consome to-
 dos os preciosos momentos de huma vida, que
 a mais fèria e constante applicaçaõ fez amargu-
 rada.

Mas o que sobre tudo lastíma, he, quan-
 do estes rigidos Censores saõ os mesmos, a quem
 o mundo douto ainda naõ reconhece por Auto-
 res, ou que apenas o saõ de alguns despreziveis
 opusculos, de que nem resulta bem, nem honra
 á sociedade civil. Ao mesmo tempo que, segun-
 do judiciosamente ensina o sobredito POPE, só
 os Autores de obras excellentes he que podem
 ser bons Criticos. Pois he certo, que quem co-
 nhece pela experiencia, quanto custa ser Autor
 (fallo

(fallo dos que são dignos deste nome, e não dos miseraveis trasladadores e plagiarios, que pretendem brilhar com luzes falsas, ou com os trabalhos alheios) he que julgará com equidade as causas dos Autores. Não ha maior disparate, que entrar a dar preceitos, que parecendo muito plausiveis na theorica, como plantas bellamente traçadas sobre o papel, se vem a conhecer na practica, que não he possivel a sua inteira observancia. Pelo que só os que são bem exercitados na mesma practica, fallarão della com acerto. Por isso era bem racionavel o voto daquelle nosso Antigo, (1) que queria, que se castigassem estes Criticos, obrigando-os por força a escrever. Então conheceriaõ elles por modo bem sensivel, quanto differem o riscar e executar, ou que, se *hæc mala sunt, tu non meliora facis.*

Porêm os Censores temerarios e injustos não se embarçaõ com esta consideração, que a razão e justiça inspiraõ: lançaõ mão de huma obra, procuraõ com todo o desvelo descobrir nella algum defeito (porque só para este fim he que de ordinario lançaõ mão della) e basta encontrarem hum pensamento, que não se-
ja

(1) G. de Résende. Chron. d' El-R. D. Joaõ II, cap. 127, pag. 82.

ja totalmente provavel , huma palavra menos propria , huma metafora algum tanto mais irregular , e até este ou aquelle descuido na Orthografia , para usarem da sua terrivel vara. Pouco importa , que na obra reine huma bem escolhida e folida doutrina , hum juizo profundo , principios bem estabelecidos e bem seguidos , dicção varonil e clara , e outras excellentes qualidades : porque ou lhes faltaõ os dotes precisos para as conhecer e avaliar , ou , offuscando-se-lhes a vista com os negros vapores da inveja , as examinaõ perversa e malignamente , como quem se serve daquelles oculos , que representaõ os objectos taõ pequenos , que quasi ficaõ a perder de vista. Nestes cerebros (para assim dizer) situados ao revéz naõ faz taõ grande impressaõ huma erudição immensa , como hum pequeno defeito de estilo : naõ lhes parece taõ louvavel o trabalho de ter lido muitos livros e de usar desta vasta lição em utilidade dos Cidadãos , que naõ saõ igualmente instruidos , como digna de nota huma ou outra palavra. Com quanta propriedade os descreve e condemna hum dos nossos mais doutos e judiciosos Escritores ! (1) Deste modo succede , que hum grande homem , que se em-

pregou

(1) Vera. De Re Log. VI , part. alter. III. V. pag. m. 314.

pregou todo em gravissimos estudos , que deo os mais largos passos no extenso paiz da litteratura , que ensinou aos outros homens muitas verdades proveitosas , seja , unicamente por alguns levissimos descuidos , escarnecido injusta e indignamente por hum sciolo , que , tendo huma instrucção superficial , se serve da occasião de descobrir e censurar aquellas minimas imperfeições para ostentar de homem de erudição escolhida , de engenho vivo , e de singular penetração. Infelices Escriitores , até onde chega a femração , que comvosco se practica ! Como se recompensaõ os vossos prodigiosos trabalhos , as vossas estupendas fadigas ! Consolem-se porêm os grandes Autores , desprezem aquellas criticas , que naõ forem partos da justiça , mas abortos da iniquidade : porque a sua causa he nobremente defendida pelos Criticos mais famosos , que tem havido no mundo. O immortal HORACIO ensina aquella taõ conhecida , como mal observada , doutrina

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus.

Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus & mens:

Poscentique gravem persæpe remittit acutum:

* iii

Nec

*Nec semper feriet , quodcumque minabitur , arcus.
 Verum ubi plura nitent in carmine , non ego paucis
 Offendar maculis , quas aut incuria fudit ,
 Aut humana parum cavit natura*

O grande POPE reconhece unicamente por Critico perfeito aquelle , que estando sempre prompto para mostrar a verdade , sem se preocupar do favor ou do odio , não só reprehende os defeitos do seu amigo , mas louva com igual desinteresse as excellencias do seu inimigo. E o judicioso ADDISSON adverte , que hum verdadeiro Critico se demora mais com as bellezas , que encontra em hum Autor , do que com as imperfeições , que descobre.

E com effeito eu não sei , que nobreza de espirito , que superioridade de alma , e que generosidade de coração reluz nos louvores , que dá a hum Autor o Critico , e lhe censura os defeitos , que deste modo enleva suavemente os animos dos leitores , e se faz igualmente estimar e respeitar por aquellas sublimes e amabilissimas virtudes. E para fallar sómente de hum , cujas obras são bem vulgares (não o devendo ser muitas dellas) todos sabem , que Mr. de VOLTAIRE , tão proprio juiz de Poesia , como excellente Poeta,

ta, merece de nós esta confissão em huma Critica, que respeita grandemente a gloria litteraria da nação Portugueza. Elle sim critica o immortal CAMOENS com severidade, mas tambem lhe não falta com singulares elogios. Por exemplo: Hum dos lugares mais Poeticos, que nos encanta em CAMOENS, bem se sabe, que he a morte *da misera e mesquinha, que, depois de ser morta, foi Rainha.* VOLTAIRE, que reconhecia as obrigaçoens de hum Critico perfeito, depois de proferir, que este he *o mais bello passo do nosso admiravel Poeta*, accrescenta ingenuamente, que *ha poucos lugares em VIRGILIO mais ternos e melhor escritos.* Outra belleza inimitavel do Poeta Portuguez, e que he producção original do seu fecundissimo engenho, ninguem ignora, que he o episodio de ADAMASTOR. O Poeta e Critico Francez o louva com tanta distincção, que huma vez affirma com toda a segurança, que *aquella ficção será estimada e applaudida em todos os tempos e por todas as naçoens*: e em outra exclama admirado e transportado: *Isto sem duvida he grande.* Emfim elle nos faz com generosidade e bizzarria a justiça de segurar, que *se prova ser a obra de CAMOENS cheia de grandes bellezas, pois que ha duzentos annos faz as delicias de huma nação engenbosa e entendida.* Esta

Esta sim que he a Critica não só justa e generosa, mas tambem circumspecta e prudente, que, lembrando-se da fraqueza da nossa natureza, não dá exemplo, que lhe possa cahir em caza. Pois assimcomo o Critico humano e bizarro he tractado da posteridade com toda a indulgencia nos seus descuidos; do mesmo modo o rigoroso e iniquo a encontra inexoravel para quem, mostrando-se na reprehensão dos outros observante do *Summum Jus*, nisso mesmo, e em os privar da gloria, que merecem, lhes faz a maior injuria. He o que vemos practicado com o famoso JOAM le CLERC. A este celebre Critico, apezar das invectivas dos seus inimigos, não se póde negar huma vasta erudição e juizo muito distinto. Comtudo, porque criticou os escritos de alguns homens egregios, muitas vezes com pouca equidade, foi recompensado terrivelmente por outros varoens eminentes. Que injurias não proferio contra elle o doutissimo PEDRO BURMANO, indignado das censuras, que elle fez ao grande GREVIO, e ao eruditissimo BROUKHUSIO? O mesmo succedeo a JACOB GRONOVIO, homem sim de prodigiosa erudição, mas que pelo nimio rigor da sua Critica se fez geralmente taõ aborrecido dos litteratos, quanto seu pai, o sabio

Joam

JOAM FRIDERICO foi estimado e applaudido pela sua moderação. E qual não foi a fortuna de JOSE ESCALIGERO, que, herdando de seu pai huma desmarcada vaidade litteraria, e o genio mais fogafo e infogrivel, veio a merecer, que se levantasse contra elle hum athleta taõ formidavel neste genero, como GASPAS SCIOPPIO; o qual, excedendo (como se explica BAILLET) hum guarda de Collegio, e hum pùblico algoz, com as injurias, que publicou contra ESCALIGERO, lhe apressou a morte, fazendo-o victima dos mesmos golpes brutaes, de que elle tinha ensinado o funesto uso? Se pois aquelles mesmos, que pela sua extraordinaria sciencia foraõ a admiração do mundo douto, experimentáraõ a merecida indignação da républica das letras, por se terem empregado antes em descobrir e exaggerar e até inventar defeitos nos Escriitores respeitaveis, do que em reconhecer, patentear e louvar as suas verdadeiras excellencias: que successo espera ter (para que assim diga) hum anaõ de litteratura, portando-se nimiamente rigoroso na Critica, não perdoando, ainda áquelles descuidos, a que está sujeita a natureza humana, e sem fazer entre elles e as eximias perfeiçoens, que os cercaõ, aquella prudente comparação, que os livraria de
censu a

cenfura pouco airofa? Porque , fendo as virtudes mais que os defeitos , não ficavaõ entaõ verdadeiramente vituperados os Efcritores , mas louvados : porque , fegundo aquella antiga doutrina , o maior elogio , que fe póde fazer a hum varaõ celebre , he reprehendê-lo em poucas coifas , e louvá-lo em muitas.

E quando verdadeiramente apparecem nos escritos erros e descuidos , que devaõ fer objectos da Critica , porque não haõ de fer cenfurados com urbanidade e cortezania? Perderá huma critica bem fundada o feu vigor , por fer cortez? Ou será mais bem recebida por incivil? Não póde fer. Comtudo tambem neste vicio , taõ proprio da gente inculta e grosseira , como indigno de hum homem polido e erudito , cahem frequentemente muitos Criticos , fem fe lembrarem , de que por elle fe fazem fummamente odiosos. A natureza humana he taõ fenhoril e altiva , que até lhe custa viver subordinada aos legitimos superiores , fendo necessario , que a rafaõ a convença , do como he precisa e util a subordinançaõ , pois que della depende o concerto e armonia da sociedade. Por esta rafaõ he , que os homens de ordinario olhaõ com averfaõ para aquelles , que fazem alarde

de

de os exceder. Hum Critico pois, quando toma este officio, erige-se por autoridade propria superior daquelles, que talvez o não querem reconhecer por tal. Pelo que não receberão, nem estarão pelas suas sentenças, se elle usar nellas do mesmo tom, de que costumão servir-se os senhores imperiosos e deshumanos com os seus escravos. Nós vemos, que, ainda quando se reprovaõ as acçoens dignas de censura com civilidade e attençaõ, se alteraõ os autores dellas grandemente, e não se accommodaõ com a condemnaçaõ, ainda que justa, forcejando por mostrar a femrasaõ della. Como esperaõ entaõ os Criticos grosseiros e desbocados fazer gostar e approvar a mesma verdade das suas correcçoens, quando parece, que não tem outro fim mais que desdoirar a reputaçãõ daquelles, que censuraõ? Na verdade he insolencia intoleravel, que quem dá o voto, que lhe não pedem, e se constitúe juiz, sem que o façaõ, vomite injurias contra os Escriitores benemeritos.

Se porêm estes abominaveis Censores não se encaminhaõ á illustraçãõ da verdade, mas unicamente á satisfacãõ da perversidade propria, deveriaõ advertir, que, quando vaõ a deshonnar os outros, se cobrem a si mesmos de hum labéo

labéo inextinguível, que fará o seu nome eternamente execrando. Bastava a este proposito, que se lembrassem da fama, que deixou o mesmo terrível inimigo de ESCALIGERO, GASPAS SCIOPPIO. Este homem foi hum portento de erudição, ou, como disse OCTAVIO FERRARI, *vir in omni litterarum genere eminentissimus*. Desde a idade de dezeseis annos começou a publicar obras, que foram recebidas com applauso: gastava os dias inteiros e grande parte das noites nos mais difficeis estudos: e perseverando nesta contínua applicação na mesma velhice, chegou a viver tão recolhido, que por espaço de dez annos apenas sahio da sua camara e nunca de caza. Desta sorte se veio a fazer senhor daquella vastissima litteratura. Se ella fosse unida com tenção recta, com humanidade, candura e moderação, seria mais honrada a sua memoria. Porém tendo muitos Criticos maculado torpemente a sua fama com os desordenados affectos da altercação, da arrogancia e da insolencia, parece, que SCIOPPIO excedeo a todos nestes vicios. Daqui vem tantas reprehensões, tantas invectivas, tantos appellidos injuriosos, a que elle mesmo quiz dar causa, e com que tem sido tractado muito liberalmente. Humas vezes he chamado *Iste, quem*
insig-

insignis maledicentia Zoilo quovis nobiliorem reddi, outras *Canis Grammaticus*, outras *Famosus iste turbo & publica tempestas pacis*, outras emfim *Monstrum ex omni spurcitiarum & scelerum colluvie concretum*. Eis-aqui pois hum homem doutissimo, que, podendo não só fazer admirar a sua erudição, mas também receber e abraçar com gosto os seus pareceres, se criticasse com urbanidade, mereceo, por seguir hum caminho tão opposto aos sentimentos naturaes da humanidade, que o seu nome tenha sido objecto de horror e de abominação. Que louvor pelo contrario não tem conseguido a delicada e igualmente vigorosa civilidade, de que usou Mr. de la FAYE combatendo as extravagantes opinioens de Mr. de la MOTHE sobre os pontos mais importantes da Poesia. Vio-se a razão triumphando da singularidade, mas o vencedor respeitando sempre os talentos do vencido: o qual também se fez digno de tão glorioso tractamento pela polida correspondencia, com que se houve com la FAYE. Esta mesma bizarrria, practicada reciprocamente pelo Presidente BOUHIER e pelo Abade DES FONTAINES, se fez credora do applauso universal. E que veneração e respeito não merece a generosa moderação, com que BULGARINI

é CAPPONI criticáraõ o discurso , que JACOB MAZZONI escreveu sobre a arte Poetica , quando se observa , que o mesmo MAZZONI reconheceo aquellas censuras taõ doutas e ao mesmo passo taõ moderadas , que confessou , que , além da doutrina copiosa , havia igualmente nellas huma modestia , digna da nobreza de espirito dos seus competidores ? Produziriaõ ellas hum effeito taõ inesperado no animo do mesmo criticado , se fossem incivís ?

Outros muitos varoens , dotados de raros talentos e consummada erudiçaõ , se fizeraõ dignos das acclamaçoens públicas , e de serem imitados pelos homens de letras , que as professãõ com honra , por terem usado da Critica com aquella decencia , que a rafaõ dicta , e a Religiaõ ensina e prescreve. Mas , além dos sobreditos , naõ me lembrarei agora mais que de outro famoso Italiano , que he hum singular modelo de Critico prudente , comedido , civil e generoso. He este o sabio Marquez JOAM JOSE' ORSI , que naõ só ensinou no aureo livro *De Moralibus Criticæ regulis* (do qual , como escreveu o grande MURATORI , elle foi certamente autor) a estrada , que se deve seguir em taes assumptos ; mas elle mesmo caminhou por ella. Nada ha

ha mais polido , mais modesto , e mais agradavel do que a impugnação , que fez ao livro *Maniere de bien penser* de BOUHOURS. Corresponde-raõ-lhe tambem os Apologistas de BOUHOURS : porque , defendendo algumas opinioens deste , o fizeraõ com tanta urbanidade , que ORSI , escrevendo á insigne Madama DACIER , reconheceo , *que as censuras daquelles juizes eraõ taõ brandas e suaves , como delicadas e doutas*. Se todos os Criticos se regulassem por taõ bellos e amaveis exemplares da decencia , talvez que naõ passasse a critica para com os menos instruidos e advertidos por huma profissaõ prejudicial e odiosa. Sendo ella taõ util , e por consequencia taõ estimavel , póde ser , que naõ haja rafaõ mais concludente de ser o seu nome abominavel entre os homens de poucas letras , que o uso insolente e grosseiro , que della se tem feito.

E quaes naõ saõ os damnos , que deste e dos outros vicios no uso da Critica , de que tenho fallado , se seguem á sociedade civil ? Deos bom , que inimizades ! Que discordias ! Que rancores ! Os , que foraõ tractados injustamente , concebem huma idéa de aggravados , que muitas vezes excede a mesma atrocidade da offensa , entraõ em hum odio entranhavel contra os ag-gressõ-

gressores ; procuraõ todos os meios de despica-
 se ; e he a vingança o modo mais prompto ,
 que se lhes offerece , aindaque seja o me-
 nos generoso e Christaõ. Que successos tragicos
 naõ refere a historia , que tiveraõ a origem na
 Critica ignorante e injusta , desbocada e ma-
 ligna? Lemos , que JORGE DE TREBIZONDA perdeu
 o juizo a impulsos das respostas , que o Cardeal
 BESSARION deo ás invectivas , que o entusiasmo
 Aristotelico lhe inspirava e fazia publicar con-
 tra PLATAÕ. Ao célebre Mathematico REGIOMON-
 TANO , se diz , que suffocaraõ os filhos do mes-
 mo JORGE TRAPEZUNCIO , por censurar os escri-
 tos de seu pai. De ROBORTELLO escreveraõ huns,
 que fora morto , outros , ferido mortalmente por
 BAPTISTA EGNACIO pelas acres censuras , que fa-
 zia ás suas obras. PEDRO RAMO foi victima das
 intrigas de CHARPENTIER , por ter acommettido
 resolutamente a ARISTOTELES : e o temor de lhe
 succeder o mesmo , se presume , que deo moti-
 vo á morte do famoso DIONYSIO LAMBINO hum
 mez depois , por ter tido grandes disputas com
 CHARPENTIER ao mesmo respeito. ERASMO mor-
 reo da profunda melancolia , que lhe causáraõ
 os satiricos e furiosos escritos de JULIO ESCALI-
 GERO : o qual já tinha feito hum terrivel e in-
 fame

fame ensaio de assassinar deste modo no muito, que contribuiu para a morte de **CARDANO**. **JOSE'**, o filho e o herdeiro da insolencia de **JULIO**, experimentou hum fim semelhante, não podendo sobreviver á raivosa maledicencia, com que **SCIOPPIO** o investio. Este mesmo tremendo **SCIOPPIO** foi ferido ou espancado em Madrid pela petulancia, com que censurou huma obra de **JACOB** primeiro, Rei de Inglaterra. Mas para que he demorar-me eu e cansar-vos com a lembrança de cazos taõ funestos, injuriosos ás letras e ao genero humano, quando unicamente basta, que recordemos o calamitoso e ignominioso fim daquelle **ZOILLO**, o primeiro Critico atrevido e temerario, de que nos dá noticia a historia litteraria? Pois aindaque huns digaõ, que, indo ao Egypto, **PTOLOMEO PHILADELPHO** o fizera enforcar; outros, que passando á Asia, fora queimado vivo em Smirna; outros emfim, que morrera apedrejado na sua mesma patria: todos concordãõ, em que a sua morte foi violenta e infame em castigo da sua louca temeridade.

Além destas calamidades dos particulares, resulta tambem do vicioso uso da Critica o prejuizo publico de se intimidarem os homens de letras, e não quererem divulgar as suas obras,

(as

(as quaes talvez seriaõ grandemente uteis e gloriosas á humanidade) receando expôr-se a serem julgados por alguns Criticos ignorantes ou mal intencionados , ou por outros incivis , insolentes e fatiricos. Deste modo ficaõ os homens privados de grandes bens , e entregando-se os eruditos á inacção , se corre rapidamente para a ignorancia. Porêem estes e outros muitos damnos, que produz o abuso da Critica , saõ taõ manifestos e conhecidos , que não devo com a sua enumeração extender este discurso , quando elle já não terá parecido breve.

Pelo que , meus amados Discipulos , escolhida porção de huma Nação illustre e respeitavel , felices descendentes dos antigos Sabios Portuguezes , vosso Mestre , que dezeja com todo o empenho a vossa verdadeira e solida gloria , no ponto de vos mandar descansar da fadiga estudiosa , que vos tem merecido muito distinto louvor ; quando vos despede com hum A Deos , cheio de affecto , e saudades , vos encõ-menda , que , se chegardes a ser taõ venturosos, que logreis juntas todas as grandes partes , que vos disse serem necessarias para formar hum Critico consúmado (porque só deste modo he , que deveis tomar officio taõ importante) fujais ,
por

por honra vossa e bem dos vossos semelhantes, dos reprehensíveis defeitos e torpíssimos vícios, que vos tenho apontado. Seja a vossa Critica sabia, benigna, discreta e moderada: seja regulada pelos dictames da razão e da justiça, tendo sempre os olhos fitos no Evangelho de JESUS CHRISTO: porque só desta sorte podereis conseguir huma reputação segura e permanente, fazendo-vos amar da posteridade, por terdes sido uteis á sociedade humana, de que sois parte.

Na pag. 18. linh. 18. falta a palavra *que*, a qual supprirá benignamente o Leitor, assimcomo desculpará todos os outros descuidos e erros, que encontrar.



